

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR: GOMES DOS SANTOS

**Condições da assignatura**—Sem brinde; Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,5000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

## O ARTIGO POLITICO

### Cruzada a favor da boa imprensa

E' este o titulo d'um folheto recentemente espalhado por todo o paiz e que conta já duas edições. Opportunamente publicado, quando as circumstancias mais o reclamavam, este folheto, excellentemente escripto, veio preencher uma verdadeira lacuna, satisfazer uma grande necessidade.

O seu auctor é um benemerito filho da mais illustre das Congregações religiosas; escreve desassombradamente o que pensa e expõe a verdade sem nenhuma contemplação, dá a quem doer. A sua mascula e viril energia só é atenuada pelo primôr da linguagem castiça, que prende e delicia.

Dissemos que a publicação d'este folheto tinha a maior oportunidade. Effectivamente no nosso paiz os catholicos ainda não comprehendem o dever que lhes impende de auxiliarem a boa imprensa, se querem contribuir para o triumpho de seus ideias.

A imprensa é a mais poderosa alavanca das sociedades modernas; o seu valor é infinito. Compreende-se por isso a gravidade do mal que a propaganda da má imprensa póde causar em nós e a excellencia de bens que a boa imprensa produzirá na sociedade.

Esta verdade está reconhecida de ha muito; só em Portugal é que parecem desconhece-la. Já em 1882 o grande e incomparavel Pontifice que preside aos destinos da Igreja escrevia n'uma celebre Encyclica:

«E' d'uma importancia suprema publicar e divulgar por toda a parte bons escriptos... E' necessario que os fieis, se desejam sinceramente ver prosperar os negocios religiosos e politicos, não deixem nunca de sustentar, pela sua liberalidade, as obras da imprensa, e que cada um contribua para ellas na medida dos seus haveres.»

Em Portugal todos os jornaes catholicos, sem exce-

ção, luctam com graves difficuldades. Dir-se-hia que os nossos catholicos se recusam a seguir os ensinamentos de Sua Santidade.

O que mais assombra e espanta é que muitos d'esses individuos que se dizem catholicos assignam e leem habitualmente jornaes jacobinos, conscientes ou inconscientes do perigo em que incorrem. A esses são applicaveis estas palavras que encontramos no excellente folheto:

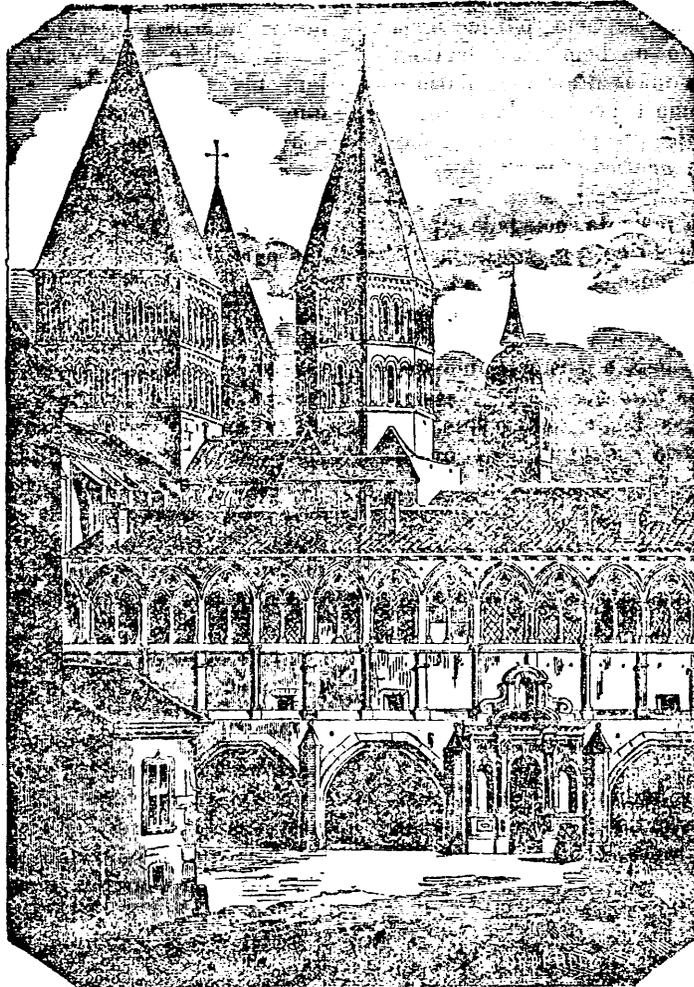
«Quem lê habitualmente um jornal jacobino declara implicitamente licita essa leitura e incita, com o seu exemplo, os outros a fazer o mesmo, isto é, a violar as leis da Igreja e a expor-se ao perigo de perversão moral. Este escandalo reveste proporções gravissimas quando o leitor é chefe ou mãe de familia ou tem a seu cargo pessoas por cuja vida moral é responsavel. Os menores seguem ordinariamente os exemplos dos maiores, e os filhos os dos paes. Não ha força mais contagiosa que a do máo exemplo. «Ai do mundo, dizia Christo, por causa dos escandalos», mas tambem disse: «Ai d'aquelle que der escandalo aos mais.»

O mal da cooperação tambem não é menor. Um jornal vive á custa dos seus assignantes e leitores ordinarios. São elles que propriamente o conservam, espalham e favorecem e portanto são tambem proporcionalmente responsaveis de todo o mal que esse jornal faz á religião, á sociedade e aos individuos. Para quem tem consciencia isto basta; quem a não tem não é christão nem catholico.»

Todo o catholico tem o estricto dever de auxiliar a sua imprensa, propagal-a, favorece-la por todos os modos. Quem o não fizer, não póde ser bom catholico.

Vamos fechar este artigo com mais uma transcripção do excellente folheto:

«A inercia e a covardia de muitos ainda é peor. A Alemanha conta 17.000:000 de catholicos com mais de 400 jornaes catholicos, e tendo pelo menos 1.000:000 de assignaturas, isto é, um assignante por cada grupo de 17 catholicos! Em Portugal não se procede assim por falta de



A abbadia de Cluny

*horror ao mal e de zelo pelo bem*, que são os dois signaes distinctivos do verdadeiro catholico. Quem é hoje catholico tem de ser apostolo, tem de afastar os homens do mal e promover o bem. D'ahi o dever de cavalheirismo christão de *assignar* os jornaes catholicos e de *anguriar-lhes assignantes e leitores*, de guerrear ao mesmo tempo a imprensa má fechando-lhe a porta da propria casa e dissuadindo os seus amigos e conhecidos de a lerem e assignarem.

Mas acima de tudo isto está ainda o *egoismo* e a *sordida avareza* de muitos catholicos *abastados*. Quanto dinheiro não dão elles inutilmente, para coisas de *pura vaidade e vã ostentação*, e quantas excusas não apresentam quando se lhes pede algum subsidio avultado para *fundar* e *dotar* a imprensa catholica! É mister ter camarote no theatro, e custa bastante dinheiro; dê-se o dinheiro, porque isso é *chic* e lisongeia a vaidade. Trata-se d'uma *festa apparatusa*, que lhes ha-de grangear louvores dos jornaes e sympathias do publico, tambem alguns dão para isso dinheiro e bastante. A piedade pharisaica é a que lhes quadra melhor, e que diz mais com o seu feito.

Tem se dinheiro, e não se precisa d'elle; pois bem guarde-se, aferrolhe-se e augmente-se bem, porque mais vale ter dinheiro que empregá-o no bem! Essa fortuna accumulada irá talvez parar ás mãos d'um perdulario e esbanjador, que irá dissipá-la como o prodigo do Evangelho; não importa, melhor é isso do que pô-la a render nas mãos de Deus. Assim discorrem *praticamente* muitos dos nossos catholicos! Po isso não é raro verem-se grandes familias catholicas desaparecer do meio da sociedade e perder toda a influencia e prestigio politico.

Catholicos, examinae a vossa consciencia e vede o que deveis fazer. *Dotar* a imprensa catholica é hoje a *maior*, a mais *universal*, a mais *necessaria* e a mais *salutar* de todas as obras catholicas que *podeis* e *deveis* promover. *Deus o quer*, digamo lo *todos* e de *todo o coração*; e assim *oremos*, *trabalhemos* e *demos*—mas *demos tudo* o que podermos com *generosidade*, *constancia* e *alegria*, como quem dá a Deus e não aos homens.»

## CONTROVERSIAS

### Jesuitas e liberaes

#### II

#### A questão Calmon

Para a questão religiosa era mister um pretexto. Já o dissemos.

Era esperado com anciedade e, muito antes de elle aparecer, já alguns jornaes diarios, vendidos a dez reis, encimavam os seus numeros com phrazes, como estas:

«Cumpram-se as leis.

Abaixo os jesuitas.

Fôra os roupetas negras.

As leis do Marquez de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar prohibem as congregações religiosas».

\*

Chegou, finalmente, o ensejo tão desejado. A faisca ponde produzir o incendio.

—«Ainda bem!»—exclamaram, por certo, os exploradores, os amigos da ganancia, os anti-religiosos.

—«Temos boa mina para explorarmos. Façam-se bolsas, para se arrecadar o dinheiro, que este ha de agora vir com abundancia.»

E assim foi.

O Doutor Calmon, consul da nação brazileira na cidade do Porto, onde vivia com sua familia, tinha uma filha, chamada D. Rosa Calmon.

Esta senhora já não era qualquer menina de pouca

idade e, por tanto, inexperiente, incapaz de se governar e facil de se deixar levar pelas primeiras impressões.

Tinha quasi trinta e tres annos.

Ora, uma senhora, n'estes casos, ou tem ou não tem juizo. Se não o tem, não tem a minima importancia os seus actos, os seus desejos, os seus projectos e as suas palavras. Não pôde dispôr de si e, por isso, não pôde fazer o menor contracto nem tomar qualquer deliberação.

Se ella tem juizo, pôde seguir muito livremente a vida, que desejar e a ninguem tem de dar satisfações.

Bem sabemos, que uma pessoa, ainda que esteja emancipada, pôde causar desgosto a seus paes, quando toma um modo de vida, contrario ao que elles desejam, e muito principalmente, quando essa pessoa vive em companhia d'elles.

Mas a isso bem se pôde applicar aquelle principio: *Dura lex, sed lex*.

E Deus nos livre, de que uma pessoa, sejam quaes forem o seu sexo, a sua posição e os seus haveres, estivesse toda a vida tutelada ou sujeita ás vontades paternas ou maternas, nunca chegando a ser livre, senão depois da morte de seus progenitores ou dos seus antepassados.

E' bello e muito grato, que n'uma familia os filhos sejam tão respeitadores, amigos e dedicados a seus paes, que nunca os contrariem, nunca deixem de obedecer-lhes e nunca os abandonem.

Mas tambem é muito grato e muito bello, que os paes condescendam com os filhos no que fôr justo, lhes desculpem algumas faltas e não os contrariem n'aquillo, que as leis permittem.

\*

D. Rosa Calmon, com perto de trinta e tres annos de idade e quando corria o mez de fevereiro de 1901, tomou a resolução de recolher se a uma casa religiosa e de se dedicar á vida do cláustro.

O pae contrariou-a, como a havia contrariado, quando ella desejou tomar o estado matrimonial.

Encerrou-a n'uma prisão domestica, participou o caso ás auctoridades, chamou em seu auxilio a imprensa gananciosa, fez espalhar a noticia por toda a cidade invicta e pintou esse caso com as côres mais hediondas e com os desenhos mais pantagruelicamente phantasticos, que podem imaginar-se.

Era, porém, mister dar um escandalo, alterar o povo e incitar a vadiagem, a que se servisse das pedras, para ferir individuos inermes e fazer estragos nas habitações.

A resolução da senhora D. Rosa foi um bom ensejo para essa agitação popular e para que os jornalistas tivessem um vasto campo, onde colhessem fructos adequados aos seus paladares.

Nós quizemos fazer justiça ás boas qualidades da tal D. Rosa, suppondo-a uma senhora honesta, séria e bem comportada.

Por isso, o exemplo, que vamos expôr, é só em hypothese.

Supponhamos, pois, que D. Rosa não queria ir para um convento, mas desejava ir para uma casa de mulheres mundanas, ou fugia com qualquer extravagante, casado ou solteiro.

Havia, por isso, uma celeuma tal no Porto e não só ali mas em todo o continente portuguez e ilhas adjacentes? A justiça perseguiria o seductor ou as seductoras de D. Rosa?

Não, por certo. A justiça diria, que D. Rosa era mulher de idade madura e por tanto, já sabia o que fazia e estava no direito de ir, para onde muito bem quizesse e que, se foi arrastada por blandicias e promesses de algum janota, já não era menina para levar palmatoadas e que ninguem a mandou ser tão leviana.

E os taes jornalistas o que diriam?

Nada, seguramente nada. E' o costume.

E, se alguém lhes perguntasse o motivo do seu silencio, responderiam, pouco mais ou menos com estas phrases, que já tem descido á vulgaridade das cantigas populares:

—E' melhor, que não se falle em tal coisa.—Aquillo foi uma desgraça.—Para que se hão de estar a aggravar os desgostos dos paes e irmãos d'aquella infeliz?—O que lhe aconteceu, tem acontecido a muitas outras e pode e ha de continuar a acontecer a muitas.—Ninguem está livre de se deixar arrastar por uma paixão.—Escusado será desacreditar aquella familia, que ainda pode um dia receber novamente a *donzella arrependida*.—Se tivéssemos filhas em tal caso, não quereríamos ver os seus nomes conspurcados em noticias de jornaes.—Isso são negocios de familia e puramente particulares, com os quaes a imprensa nada tem.—Ninguem tem nada com as vidas alheias.—Nós não queremos arranchar á maledicencia.

Mas D. Rosa quiz dedicar-se á vida religiosa?

Então o caso é mais serio!

Já bate Catilina ás portas de Roma. Já as instituições, que *felizmente* nos regem, estão em perigo.

Já os liberaes mortos surgem das campas, gritando, que para nada serviu o sangue, que elles derramaram em prol da causa da liberdade.

Já os liberaes vivos gritam, que os jesuitas, infestando Portugal, lhes querem tirar os seus empregos e já tem monopolisado o ensino, tomado posse de todas as propriedades e dominado as consciencias.

Já os liberaes, que ainda hão de nascer, terão a grande desgraça de não poderem saborear os doces fructos da arvore da liberdade, plantada por seus paes e por seus avós e amparada pelo numeroso functionalismo, que lhe vae chuchando a seiva.

(Continua)

UM CATHOLICO.

## ESTUDOS HISTORICOS

### Mar Morto

«Esta região fértil desapareceu...  
«Havia fontes n'este logar; mas desde que a cidade de Sodoma desapareceu, occupou o valle o lago Asphaltite.»  
Josepho—*Antiquidades Judaicas*.

Lago Asphaltite ou Mar Morto e ainda Mar de Lethe é na Syria, antiga Palestina, a Sudéste de Jerusalem e a sua situação marca-se entre 30° 56'—31° 50' lat. Norte e 33° 40' long. Éste. Tem uns 100 kilometros de comprimento sobre 25 de largura. O seu nivel é inferior ao do Mediterraneo cerca de 400 metros.

As aguas são limpidas e tão pesadas de sal que podem aguentar um homem de pé.

O leito é betuminoso e vêem-se por vezes massas de asphalto nas aguas.

Maury escreveu este conceito no livro *A terra e o homem*: «O mar Morto ou lago Asphaltite que está rodeado de montanhas de sal e de alturas trachyticas, verosimilmente deve sua origem a um phenomeno vulcanico de genero identico áquelle de que a Biblia conservou a memoria.»

No *Genesis* narra-se que os crimes contra a natureza de que Sodoma e as outras cidades da Pentapola foram theatro attrahiram o castigo de Deus sendo consumidas por fogo celeste. Sodoma, Gomorrha, Adama, Sebchim e Ségor soffreram, á excepção d'esta ultima, o péso de seus proprios delictos e esse acto de punição tremenda tem asombrado ao longo dos seculos todas as gerações ás quaes

o nome de mar Morto, sepulchro de taes cidades, relembra o fim tragico registado escrupulosamente em tradições de data remotissima. Crê-se que o acontecimento teve logar no anno do mundo 2106.

Este mar onde não se encontram seres vivos tem exhalções fetidas em dadas occasiões.

«N'elle tudo é mysterioso, lê-se no livro *A arte e a archeologia*, de Vinet, sua origem, sua natureza e suas producções. Está no fundo de um medonho deserto que reflecte um ceu de bronze, e suas aguas, sem frescura e sem movimento, em seu cinto ardente de areias e de rochedos, valeram-lhe o lugubre titulo de *mar Morto*.»

Lyell declarou em seu 2.º volume da obra *Manual de geologia elementar*, que não ser habitavel por molluscos e peixes «é o caso da bacia do mar Morto.»

Um illustre confrade de Lyell, nosso contemporaneo, Lapparent, diz em seu soberbo *Tratado de geologia*: «E' ainda no numero das salsugens que nos parece conveniente classificar o mar Morto ou lago Asphaltite, não obstante a ausencia de desprendimentos gazosos apparentes. Este mar interior, cuja superficie está a 392 metros e o fundo a 700 metros abaixo do nivel do Mediterraneo, cobre hoje 1200 kilometros quadrados; mas o seu nivel outr'ora foi muito mais elevado conforme se prova pelas camadas de marga gypsosa e de sal gemma estendidas sobre os flancos das collinas circumvisinhas. Elle occupa uma depressão na qual se não pode negar o resultado de uma gigantesca excavação longitudinal.»

O mesmo notavel homem de sciencia diz ainda mais adiante: «A composição do mar Morto não parece identica em todos os pontos de sua superficie e em alguns sitios notam-se exhalções mal cheirosas que lembram um misto de betume e de hydrogeneo sulfurico. E' portanto permittido pensar que no momento actual, fontes mineraes surgem ainda abaixo do nivel do mar Morto e que este ultimo deve aos phenomenos internos uma composição que, por nenhum motivo plausivel seria licito attribuir a intervenção anterior das aguas do mar. A bacia d'este mar é um antigo lago de agua doce, occupando uma depressão produzida por excavação e de que a composição foi ulteriormente modificada sob influencia de phenomenos vulcanicos que agitaram a região em epoca assás proxima da nossa.»

Na *Historia do imperio ottomano*, de Jonquiére encontra-se este periodo credor de meditação na parte relativa ao celebre mar em questão: «A bacia do Jordão comprehende a antiga Palestina e a Judéa; o rio sae do Ante-Libano (monte Hermon), atravessa os lagos Meron e Tabarieh (Tiberiades) e perde-se após um curso de 160 kilometros no lago Bahr-el-Louth (mar Morto) fechado por montanhas escalvadas que apresentam o cunho da desolação e da morte.»

Volney, em presença das ruinas de Palmyra, na antiga Syria, soltou estas palavras profundas que eu vou pertilhar aqui em presença de tantas opiniões de auctoridades justamente reconhecidas a respeito do mar Morto: «São os decretos de uma justiça celeste que se cumprem!»

Maspero, eminente historiador do nosso tempo, descreve na *Historia antiga dos povos do oriente* em linguagem energica e incisiva o paiz ao qual o sinistro lago tem attrahido e continuará attrahindo investigadores curiosos e simples viajantes: «Sobre o flanco oeste do Hermon, na extremidade meridional do Ante-Libano começa um valle sem semelhante no mundo inteiro. E' uma rasgadura produzida á superficie da terra pelas acções vulcanicas, uma larga fenda que se entreabriu levemente na aurora dos seculos e não mais tornou a fechar-se. O Jordão que a rega enche, a algumas leguas apenas de sua origem, um lago, o de Merom, cujo nivel é igual ao do Mediterraneo.»

Mas, a partir d'ahi o valle excava-se e para assim dizer, enterra-se; o rio desce do lago de Merom ao lago de Genezareth e do lago de Genezareth ao mar Morto, onde a depressão attinge sua maxima intensidade, 419 metros abaixo do nivel do Mediterraneo. Ao sul do mar Morto o valle estreita e levanta-se até vir acabar no fundo do mar Vermelho.»

Chego agora a termo opportuno de formular uma pergunta: porque existe este phenomeno de geographia physica em terras occidentaes do continente asiatico, este singular phenomeno typico por causa do qual deixaram as commodidades do lar domestico verdadeiros sabios que antes de escrever sobre o assumpto quizeram estudar com a vista nos proprios logares?

Citarei entre esses apostolos da verdade scientifica o distincto americano Robinson e Saulcy auctor da obra intitulada *Viagem em volta do mar Morto e nas terras biblicas* porque bastam seus nomes para se ajuizar do valor de observação pessoal e directa que assim interessa engenhos consummados.

Os factos conhecidos pelo exame e transmittidos pela imprensa á publicidade não tornam improcedente a asserção que se depara no *Genesis* de um castigo de Deus. De resto, a materia em fogo é mais que uma hypothese aventurada, é uma tradição correndo de bôcca em bôcca desde milhares de annos, e a propria designação de mar Morto conferida ao lago Asphaltite revela qualquer coisa de extraordinario em concordancia com a narrativa biblica. Os homens de sciencia não verificaram até hoje a existencia de elementos com que seja facil contestar victoriosa e fundamentalmente o que Moysés assegurou haver succedido ás cidades criminosas da Pentapola e por isso, inclinando-me á fé que bebi com o leite creador, faço minhas estas palavras de Jean D'Estienne no livro admiravel *Como se formou o universo*: «A fé e a razão, a verdade theologica e a verdade scientifica não promanam ambas de Deus, e não tendem ambas para Elle, como para seu centro e seu ponto commum de partida?»

Entretanto, fique livre ao sabio o caminho da investigação aturada e da analyse minuciosa; intente penetrar e fazer luz plena no que respeita ao mar Morto; logre mais um triumpho para a sciencia e conquiste mais uma verdade para a crença: este é o seu legitimo exercicio de faculdade e seu direito indiscutivel!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

LITTERATURA

## O segredo de Polichinello

O segredo de Polichinello!

Quanto daria eu, em creança, e quanto daria hoje mesmo para o conhecer!

Graças a este segredo, logrou Polichinello furtar-se sempre ao imperio da lei, burlar os seus credores e fazer uma viagem ao inferno em busca de Proserpina.

Na tenebrosa mansão inaugurou uma serie de aventuras que continuou depois sobre a face da terra.

Depois de ter permanecido por espaço de algum tempo no inferno, Polichinello, acompanhado de Proserpina, internou-se n'um corredor subterraneo, antigo respiradoiro d'um vulcão apagado, por cuja cratera conseguiu sahir para a superficie do nosso planeta.

Os fugitivos foram parar ao cume d'uma montanha a cujos pés se estendiam vastissimos prados.

Sentados sobre a herva, viram formosos campos cobertos de espigas, de flores e de arvores fructiferas e no meio

d'aquelle esplendido panorama uma cidade de brilhante e poetico aspecto.

Ao longe palpitava o mar, sem um navio, sem uma só vela, e immediatamente comprehendeu Polichinello que se encontrava n'uma ilha desconhecida dos navegantes.

Proserpina começara a chorar.

—Que tens, minha filha?

—Nada.

—Desagrada-te esta região?

—Não; mas queria reinar n'ella.

—Queres ser rainha?

—Quero.

—Pois serás rainha e eu serei rei. Agrada-me a ideia e vou pol-a em pratica quanto antes.

—E que pensas fazer?

—Ah! amada filha, esse é o meu segredo.

Proserpina enxugou o pranto e apertou de encontro ao coração a cordão que cingia, enquanto Polichinello empunhava o bastão que para elle tinham construido no inferno, e, de braço dado, emprehenderam o caminho da cidade.

Sahiram a recebel-os varias deputações com bandas de musica á frente, pois um pastor que occulto atraz d'uma rocha ouvira o dialogo correr a divulgar pela população que na montanha se encontrava n'aquelle momento um ser sobrenatural que possuia um segredo e desejava ser rei para fazer a felicidade dos habitantes da ilha.

Os moradores d'aquelle formosa terra eram felizes desde tempo immemorial e não tinham necessidade alguma de se servirem do famoso segredo de Polichinello. Mas, como todos os povos se parecem, a maldita curiosidade perdeu-os.

—Como é isso! exclamou o rei, cuja proclamação se fizera immediatamente. Não sei como não se envergonham de viver no estado em que se encontram! São eguaes e livres e estão unidos; alimentam-se com os productos da terra fraternalmente distribuidos; não teem inimigos e possuem crenças. Que estupidez! Mas, afortunadamente para vós, a Providencia enviou-me em companhia de minha esposa, para que termine semelhante estado de coisas.

O discurso do rei foi acolhido com as seguintes aclamações:

—Viva Polichinello e o seu segredo! Viva a rainha Proserpina!

Dentro de poucos dias dotára Polichinello os habitantes da ilha com todas as instituições que constituem a grandeza e o orgulho das nações civilizadas.

Polichinello repartiu os terrenos, que outr'ora eram propriedade commum, reservando as melhores para os que tinham o nariz parecido com o seu, creando assim uma aristocracia ao seu serviço.

Cunhou moeda, reservando-se o monopolio do ouro e da prata, e desde então os habitantes da ilha conheceram a riqueza, e a sua pallida irmã, a miseria.

Ao fim de alguns mezes rebentou uma revolta produzida pela fome, pois que os fructos da terra já não pertenciam a todos, e Polichinello viu-se obrigado a fortificar a cidade e a armar um numeroso exercito.

O rei deu batalha aos seus inimigos e morreram milhares de pessoas d'um e d'outro lado.

As mães e as viúvas choravam tristemente o seu infortunio. Mas os habitantes da ilha, embriagados pelo ardor da polvora e pelo ruido dos tambores, souberam o que era a gloria.

Mais tarde, por causa de alguns sonhadores se permitirem insinuar que talvez tivessem rasão as victimas da fome, Polichinello creou a instituição da força e todos os ilheus se inclinaram perante a magestade do poder real.

Temido pelos homens, graças sempre ao famoso segredo, o tyranno pode governar em paz durante muitos

annos, em companhia de Proserpina e dos trez filhos que d'esta tinha.

Quando, chorado pelo seu povo, Polichinello ia exhalar o ultimo suspiro, aproximou-se do leito mortuario o herdeiro do throno, que lhe perguntou em que consistia o famoso segredo.

Polichinello abriu os olhos e exclamou com voz quasi apagada:

—O meu segredo! E eu que me esquecia de revelar-t'o antes de morrer! Vou-te transmittir immediatamente esse instrumento do meu poder, destinado a salvar toda a minha dinastia.

E fazendo com que se affastassem os grandes do reino que rodeavam o leito, disse ao ouvido do augusto principe:

—O meu segredo é simplissimo e consiste somente em fazer crer ao meu povo que em realidade o possuo! Mas a verdade é que esse segredo é uma ficção inventada por mim para fascinar e seduzir estes pobres ilheus que tanto me estimam e respeitam.

(Trad.)

PAULO ABÈNE.

DE TUDO UM POUCO

## As trez gottas

Alba, a bôa fada protectora das noivas, que mora na pupilla azul das virgens sem peccado, passando uma manhã junto de uma camelia, ouviu o seu nome pronunciado por tres gottas tremulas.

Approximou-se e poisando no coração da flôr, perguntou carinhosa:

—O que quereis de mim, gottas brilhantes?

—Que venhas decidir uma questão, disse a primeira.

—Propõe-n'a.

—Somos tres gottas diferentes, oriundas de diversos pontos; queremos que nos diga qual de nós vale mais, qual a mais pura.

—Acceito. Falla tu, gotta brilhante.

E a primeira gotta, tremula, fallou:

—Eu venho das nuvens altas... sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano, antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, depois de andar envolta em mil procellas, uma nuvem sorveu-me. Fui ás alturas onde brilha a estrella e rolando de lá, por entre os raios, cahi na flôr em que descanço agora. Eu represento o oceano.

—Agora é a tua vez, gotta brilhante, disse a fada á segunda.

—Eu sou o rócio que alimenta os lyrios, sou irmã dos luares opalinos, filha das nevoas que se desenrolam quando a noite escurece a natureza. Eu represento a madrugada.

—Tu, perguntou Alba á mais pequena.

—Eu de nada valho.

—Falla... d'onde vens?

—Dos olhos d'uma noiva; fui sorriso, fui crença, fui esperança, mais tarde fui amor,—hoje sou lagrima.

As outras riram-se da pequena gotta, e Alba, abrindo as azas, tomou-a consigo e disse:

—Esta é a de mais valor, esta é a mais pura...

—Mas eu fui oceano!...

—E eu atmospheria!...

—Sim, tremulas gottas; mas esta foi coração. E deappareceu no azul levando a gotta humilde.

CORLIO NETTO.

\*

Curiosidades:

Diz um periodico de New-York:

Perto de Toledo, Ohio, está occorrendo um caso pathologico bastante curioso. A Senhora Dorottuz Stiles,

filha d'um chimico retirado dos negocios, está-se convertendo em marmore ou coisa parecida.

Ha dias começou a sentir uma extraordinaria dureza em alguns membros do corpo e descobriu que a parte posterior de ambos os pés havia endurecido como pedra e branqueado como neve.

Communicou a seu pae o que lhe acontecia e este verificou que o endurecimento se estendia aos hombros e aos ossos das costellas.

Dentro de breves dias a situação aggravou-se, de modo que a senhora Stiales já move com difficuldade a cabeça e espera a morte dentro de pouco tempo.

Accrescenta se ainda que a victima d'esse mal extranho não sente nenhuma dor. O pae, que está desesperado, diz que foi elle o culpado do caso.

Parece que o chimico esteve fazendo, na banheira da filha, certas experiencias com uma solução nova, a cujos effeitos attribue o mal da filha.

Será verdade?

\*

Calendario historico:

Outubro
1902

A 1 de outubro de 1454 nasceu em S. Petersburgo Paulo Petrowitz, filho da grã-duqueza Anna Alexandrouka, que mais tarde se tornou tão celebre sob o titulo de Catharina II.

Anna Alexandrouka era filha da princeza de Anhalt-Zerbest e casára aos dezoito annos com Pedro III, herdeiro do throno da Russia. Parece que os seus costumes não eram dos mais puros, pois que a imperatriz Isabel, a quem Pedro III succedeu, lhe censurou muita vez as relações intimas que ella tinha com um favorito chamado Soltikoff.

Alguns historiadores demonstram até, fundando-se n'uma doença de que Pedro III soffria, que o joven Paulo Petrowitz não podia ser filho d'elle.

Por morte de Isabel, Pedro III subiu ao throno e foi então que pretendeu, por diversas vezes, castigar a esposa por causa das infidelidades commettidas. Catherina organisou sem perda de tempo uma formidavel conspiração, na qual entraram, alem de muitos amigos do proprio imperador, Gregorio Orloff, que substituiu Soltikoff no coração da inconstante imperatriz e a princeza Daschoff, celebre litterata amiga de Voltaire.

Pedro III foi preso em Peterhoff, onde se achava, metido n'uma prisão e envenenado e estrangulado oito dias depois pelas proprias mãos de Orloff. Catherina fez-se coroar imperatriz na igreja de Kasan e na de Moscow e apresentou como herdeiro do throno o joven Paulo Petrowitz, que foi elevado ao grau de gran-duque.

O filho serviu-lhe sempre para a pôr a coberto da conspiração. Quando a censuravam pela usurpação da corôa, justificava-se dizendo que o amor maternal a impelliu a isso pois que Pedro III pretendia despojar o filho da corôa que lhe pertencia.

\*

Trechos escolhidos:

Amo-te, oh! cruz, no vertice firmada  
De esplendidas egrejas;  
Amo-te quando á noite, sobre a campa,  
Junto ao cypreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruzeiro antigo  
No adro do presbiterio,  
Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
Guias ao cemiterio;  
Amo-te, oh! cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Nuncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó;

ALEXANDRE HERCULANO.

Notas de sciencia:

Svante Arrherius, membro da faculdade de sciencias de Stockolmo, diz que dentro de mil annos variará radicalmente o estado atmospherico do mundo.

N'essa data supõe que a quantidade do acido carbonico procedente da combustão artificial do carvão produzirá uma quantidade igual á que encerra a atmosphera.

O Oceano absorverá as cinco sextas partes do acido carbonico novamente formado, mas o restante ocasionará uma elevação geral de temperatura, de 4 a 5 graus centigrados, ou seja um millesimo de elevação de grau por anno.

A vegetação enfraquecerá um pouco essa cifra, absorvendo tambem certa proporção de acido carbonico.

A' medida que se vá consumindo mais carvão no mundo, augmentará n'elle o calor e, portanto, serão mais favoraveis as condições para a vida dos seres animados.

Pensamentos:

—Ha muitos homens que com frequencia se encolerizam, e tomam por desculpa, que os primeiros movimentos não está na sua mão o refreal'os; e assim como são muito promptos em desculpar-se, se reduzem a incuraveis.

Mas estes devem antes confessar, que semelhante enfermidade procede do mau habito, e fazer todas as boas diligencias para se curarem d'ella.

—O succo da ira muitas vezes se antecipa á razão; por isso succede irar-se o homem, e não se conhecer. Ha occasiões em que se cega a razão, que devia mandar sobre a ira, e usurpa esta com tanto dominio, que faz obrar contra a razão, de que resulta proferirem-se palavras injuriosas, e outros vicios, que destroem amizades e arruinam muitas familias.

—O colerico ordinariamente é affavel, magnanimo, e de bom engenho, cujas partes se as voltar para um bom uso, não somente se poderá curar d'este defeito, e emendar-se, mas tambem ficará tão habilitado para a virtude, quanto antes era inclinado ao vicio.

Humorismos:

Um credor apresenta-se na casa d'um bohemio e diz-lhe em voz aspera:

—Quatorze vezes o vim procurar!

—Pois já é vontade de perder o tempo!

#### COLLABORAÇÃO

Maria, a mais perfeita creatura  
Que *ab aeterno* formara o Omnipotente,  
Quem poderá louvar-te dignamente?  
Quem poderá guindar-te a tal altura?

Creou-te de uma essencia toda pura,  
Só inferior a ti, divina Mente;  
Em santidade és super eminente;  
O typo és de celeste formosura.

Gabriel te saudou *de graça cheia*;  
Isabel, pondo em ti os olhos seus,  
*Bem dita entre as mulheres* te nomeia.

E, eccoando os doces canticos dos ceús,  
A Igreja com fervor te rev'rencia  
Do Universo Rainha, e Mãe de Deus.

A. MOREIRA BELLO.

## A familia

(Conclusão)

Estava ali uma fonte. A brisa na amplidão  
Vagueava subtil, n'uma divina uneção  
De aromas dos jasmims, das rosas e dos goivos...  
Ah! murmurava ali: adeus!... vós sereis noivos.

Porem elle pensa.

E exclama ella, vendo-o pensar;  
—«Oh, tu que um coração, tão grande como o mar,  
Poze-te em nosso peito! Oh, altissimo Ser,  
Ao teu profundo olhar, só tu podes conter  
Este mundo tão grande, em espaço tão pequenol  
Eis, como tudo exulta ao teu feliz aceno!  
Aqui estamos, pois: cuida de nós agora.  
Se porventura é esta a voz da natureza,  
Raie então para nós essa lucida aurora,  
Explenda esse horizonte á nossa alma illesa.

...  
Ai!... tu, agreste fonte... ha muito, em brandas maguas  
Vem murmurar-te ao pé as virações amenas;  
Abandonada e só, tens a sombrear-te as aguas  
Apenas um loureiro, umas heras apenas.

Voa... para junto d'ella. . . oh, cantor sum equal. . .—

...  
—«Essa ave... um rouxinol! Ah, doidinho, doidinho!  
Vens molhar a garganta ao limpido christal?...  
Mas olha o que eu estou vendo...»—«O que é?»—«Alem um ninhol!»—

E foi lá vê-lo ao pé. A agua placidamente  
Lá ia, retractando o arbuta á esposta.  
—«E' aqui que elle canta a noite a esposta, aos arreboes.»—  
—«E aonde o foi fazer! Que tem?»—«Tem rouxinoes.»—

Eis, que elle os traz então, joviaes, como almas puras,  
E exclama:  
—«Olha: são tres—um ninho de ternuras.—  
São do canoro pae a esperanza mais dilecta...  
Vê, pois: trago-te aqui os filhos d'um poeta.»—

Perto ali carpe a mãe e... caso nunca visto!  
Vem-lhe pousar na mão, sem nenhum médo. N'isto  
Dos sinos resoou o canto ameno, ethereo,  
Na torre secular do branco presbyterio.

Então o ar tremia em piedosa toada;  
E, em serena paz, a donzella admirada  
Baixou candidamente o rosto purpurino  
Porque entendera a voz prophetica do sino.

Mas continuando diz:

—«Como dormem suaves!  
E' melhor pô-los lá: deixa ás tímidas aves  
Os candidos amores.  
Tudo ama a liberdade; ella é a mãe da alegria.  
D'esta procede o amor; no amor tudo se cria.  
Quaes no jardim as flores.

A arvore frondosa, em fins de primavera,  
Não ostenta os roseos fructos!  
E que é aquella attracção vista na pequena esphera  
D'immanes corpos brutos?

Olha, o iman como é do ferro doce amante:  
Atenta, que signaes!  
Sentem-se; um segue o outro e o outro vae constante...  
Oh! que até coração têm os frios metaes!»—

...  
E' um dia d'abril. A aldeia está em festa.  
Direita ao presbyterio ali passa modesta  
E illustre comitiva. Uma futura gri  
São elles ambos. «Deus cria as almas aos pares.»  
Olhae, duas lá vão... lá dia junto aos azares  
O ministro social:—amae-vos e vivei!—



### Laicizando uma escola ...

Ouvira-se no templo a voz da sociedade.  
Principia a familia: é assim a humanidade.  
Os affectos aqui são aves namoradas;  
E seus filhos alem, essas almas inquietas  
São castas flores onde, em beijos transformadas,  
Vão, timidas, pousar as leves borboléttas.

Embaçados á luz no berço do progresso,  
Eil-os, desabrochar muito cedo ao reflexo  
Da sciencia que os conduz a gloriosos inventos.  
Almas cheias de genio e nobres sentimentos,  
Sabem relacionar-se. E' a illustre sociedade  
Que sujeita o universo á sua actividade,  
Que as paragens do mar domina em curvo lenho,  
Que, prospera, dá á luz obras de seu engenho.

Caminha nobremente em seu grande civismo  
E em cada profissão emprega um machinismo.  
Applica o movimento, utiliza o calor  
E percorre a distancia á custa do vapor.  
Imprime na materia o proprio pensamento.  
E faz-se ouvir ao longe apenas n'um momento.  
Tambem lhe grava o som; e d'ella o som emana,  
Bellamente imitando a doce voz humana.  
Depois compara e pesa os gazes da amplidão  
E arrebatá-se ao ar na barca d'um balão.  
Mostra-lhe á vista audaz, ao claro entendimento  
Os seus pomos de luz, o bello firmamento...

A humanidade avança, avança até saber  
Todas as cousas. N'esta assidua experientia,  
Os povos vão assim optando por viver  
No bem-estar social, em affavel convivencia.

Por isso, em toda a parte e n'estas condições,  
Têm quasi as mesmas leis, mesmas constituições  
E caminham joviaes para a democracia.

Generosos enfim tendem em harmonia  
A nacionalisar-se; e andam, n'esta empreza,  
Das linguas a estudar as leis e a natureza.

E' que o horisonte luz do seu almo porvir,  
D'esse tempo de paz e de felicidade;  
E, n'uma só nação, então ha-de se ouvir  
Fallar uma só lingua a bella humanidade.

Coimbra, 1.º de Junho de 1902.

EVARISTO MARTINS D'OLIVEIRA.

APRECIACÕES DA IMPRENSA

## “Origens do Socialismo,,

Sobre este opusculo, que n'outro logar annunciamos, escreveu a *Palavra* de 14 de setembro:

«O nosso presado collega, sr. Gomes dos Santos, acaba de publicar um folheto de 64 paginas, intitulado—*Origens do Socialismo*.

N'elle estuda, á luz d'um criterio imparcial, o periodo da precursão do socialismo, a filiação dos estudos sociaes e o papel da intelligencia e do bom senso na destruição do socialismo.

Passa depois a dar-nos uma ideia dos precursores do socialismo, fazendo-nos passar por deante dos olhos Platão com a sua *Republica*; Thomaz More com a sua *Utopia*; Campanella, Hall, Bacon, Barclay, Giordano Bruno, Cardan, Bodin, Telesio, Munster, Savonarola, Marat, Babeuf, Bentham, etc. E termina por nos apresentar o retrato moral dos fundadores do socialismo, pondo em relevo todas as suas utopias, versatilidades d'esforços e diversidade de ideias. N'este capitulo, talvez o mais interessante, mostra-se o darwinismo socialista de Saint-Simon; a doutrina monstruosa de Roberto Owen, e a insensatez, incoherencia e vaidade de Fourier.

E' claro que, em 64 paginas, o sr. Gomes dos Santos não teve a pretensão de fazer uma noticia completa do socialismo e dos seus precursores e fundadores; mas teve a habilidade de consubstanciar n'este seu opusculo tudo o que de principal se devia e podia dizer sobre o assumpto que versava, exarando ideias bem claras sobre o seu objecto e deixando archivados subsidios para quem queira profundar melhor a questão.

N'uma palavra, o sr. Gomes dos Santos disse em poucas paginas o que muitos escriptores teem escripto em grandes volumes, fazendo uma critica especial, muito sua, do systema e dos homens que se prendem ao socialismo.

O opusculo, além d'instructivo, lê-se com agrado, porque é escripto n'uma linguagem sem artificios, mas atrahente e encantadora. E' a simplicidade aliada á belleza.

Bom serviço prestou o sr. Gomes dos Santos com o seu opusculo—*A utopia social e a democracia christã*, que precedeu este de que nos estamos occupando. As *Origens do Socialismo* completam aquelle ou, melhor, aquelle completa este.

Conhecidas as origens do socialismo, mais facil é vêr que as suas utopias estão condemnadas a jámais terem realisção, e que as sociedades, se querem caminhar pela senda do progresso e chegar a uma melhor organização social, teem que pôr de lado doutrinas irrealisaveis, que tenderiam a subverter a sociedade e a lançal-as na desordem e no anarchismo, e abraçar o programma da democracia christã, habil e sabiamente traçado pelo incomparavel Pontifice Leão XIII.

Porque o socialismo tem feito progressos assustadores, senão no nosso paiz, na França, na Belgica, na Italia e até na propria Allemanha, urge que todos nós, os que não queremos vêr as sociedades lançadas na anarchia, afastemos os perigos do socialismo, afastemos d'elle as classes trabalhadoras, que se deixam seduzir pelas suas utopicas doutrinas, e secundemos, tanto quanto esteja nas nossas forças, os esforços de Sua Santidade Leão XIII, que quer libertar a humanidade d'este horroroso cancro social.

E' porisso que os opusculos do sr. Gomes dos Santos, que teem por fim desmascarar os perigos do socialismo e pol-os em evidencia para que todos os conheçam e d'eilles se afastem, veem prestar um relevante serviço e são di-

gnos de ser lidos e meditados por todos aquelles que se empenham em conhecer esta chaga social e estejam dispostos a trabalhar para a extirpar.

Os nossos agradecimentos ao editor pela offerta do excellente opusculo.»

F.

Lê-se no *Correio Nacional*:

«O nosso activo e estudioso collega da *Palavra* sr. Gomes dos Santos acaba de trazer a lume um segundo opusculo sobre questões sociaes. Como do seu titulo se infere, o estudo agora publicado é uma breve mas lucida synthese da historia dos precursores e fundadores do chamado socialismo, e que o sr. Gomes dos Santos submette á mais rigorosa critica, chegando a concluir que tanto uns como outros ou são loucos ou criminosos.

Hoje, que as circumstancias especiaes da vida social não permitem ao maior numero a leitura de trabalhos volumosos e pormenorizados, os opusculos como aquelle a que nos estamos referindo, são de uma indiscutivel necessidade. Em breves paginas encontra-se resumido e apreciado o que tem dado ensejo a uma longa serie de obras cuja acquisição seria dispendiosa a qualquer bolsa menos favorecida e cujo estudo exigiria muitas horas furtadas a outras occupações. Da actualidade do novo livro do nosso collega da *Palavra*, o titulo diz tudo. Quanto ao preço não pôde ser mais accessivel: um bello volume de 64 paginas, nitidamente impresso, por 150 réis, na rua da Picaria, 74, Porto.»

AS NOSSAS GRAVURAS

## A abbadia de Cluny

Quem não ouviu ainda fallar d'este celebre mosteiro de que a historia de França tanta vez faz menção? A abbadia de Cluny é um dos monumentos que a architectura antiga nos deixou, a attestar a sua belleza e o alto ideal artistico que a animava.

A abbadia de Cluny, muito desfigurada pela ação do tempo, ainda hoje se pode admirar como uma reliquia authentica dos seculos idos.

## Laicisando uma escola . . .

A nossa gravura representa um dos muitos episodios recentemente occorridos em França.

Os delegados do poder e as auctoridades penetraram n'essa escola que o leitor está vendo, ainda regida na vespéra por uma benemerita Irmã . . .

O seu primeiro olhar foi para o Christo que pendia da parede; aquella sacrosanta imagem offendia a *liberdade* . . .

E então os ferozes sectarios começaram a escavar a parede, tirando d'alli, em nome da justiça, Aquelle que é a propria encarnação da Justiça.

As pobres educandas, de mãos postas, teem uma expressão desvairada no rosto. E os sectarios proseguem a sua obra indifferentes, sem mais piedade do que aquelles que crucificaram o Filho de Deus . . .

CHRONICA SOCIAL

## O "Volksverein,"—Liga d'acção social

(Conclusão)

Mas voltemos ao *Volksverein*.

Ao lado d'estes *Flugblaetter*, que se distribuem gratuitamente e em grande numero (muitas centenas de milhar

por anno), ao lado d'estas folhas volantes que penetram até no lar do ultimo dos mineiros westphalianos e na residencia do mais pobre camponez bavaro, a Associação Popular edita brochuras destinadas aos «dirigentes», áquelles que, por qualquer titulo, desempenham ou poderiam desempenhar um papel util no movimento catholico: é a collecção dos *Soziale Tagesfragen*. (1) Encontramos ahi, por exemplo, estudos sobre as «camaras do trabalho», sobre as «conferencias sociaes do clero», sobre «as obras de formação popular».

Finalmente, dirigindo-se a todos os membros da liga, apparece oito vezes por anno o boletim da obra, intitulado: *Der Volksverein, Stimmen aus dem Volksverein für das Katholische Deutschland*. Esta publicação não sómente por fim conservar os associados ao corrente da vida da Associação, de lhes fazer conhecer os seus esforços e os seus progressos, mas, sobretudo, «ser um verdadeiro arsenal onde os militantes possam vir beber os argumentos dirigidos contra o socialismo.» Temos sob os olhos a collecção d'este periodico e muito admiramos a habilidade pratica que preside á sua redacção. Ao lado dos estudos theoreticos, claros e escriptos para serem comprehendidos por todos os leitores, ha um folhetim, ou antes, uma «novella», cujo alcance social, comquanto nem sempre seja apparente, é sempre real. Acreditamos sem custo que este boletim presta ao *Volksverein* um poderoso concurso.

\*

A organização da propaganda pela palavra escripta é pois admiravelmente comprehendida pela Associação Popular alemã. E, contudo, esta organização não pareceu sufficiente ao Comité director; deixava ainda passar atravez das malhas muitos catholicos que nunca, ou quasi nunca, recebiam *Flugblätter*, ou só liam um ou dois por acaso.

Desejava-se exercer uma acção ao mesmo tempo mais extensa e mais regular; só os jornaes podiam bem desempenhar esta missão. Na Allemanha a imprensa profissional está muito espalhada, é sustentada com entusiasmo e está, por consequencia, em contacto com um publico enorme.

O *Volksverein* não carece pois de crear jornaes diarios (2) mas graças a uma innovação pratica sabe tirar todo o proveito possivel dos órgãos já publicados. Propoz enviar todos os quinze dias, aos periodicos do Centro, uma *correspondencia social*.

«Esta *correspondencia*, dizia o manifesto, redigida por economistas e por sociologos de primeira ordem, está destinada a prestar os maiores serviços, particularmente aos jornaes de provincia. Estes ultimos encontrarão ahi ricos materiaes para os seus artigos de economia social e politica.»

A imprensa catholica alemã acolheu muito favoravelmente a idea. «O anno passado, diz o relatorio apresentado á assembleia de Bonn, a *Correspondencia social* foi enviada a 250 órgãos catholicos. Dos 94 longos artigos que elle publicou, um grande numero tratava das novas leis relativas ao trabalho, ás associações profissionais, ás habitações operarias, etc. Quasi todos estes artigos foram reproduzidos pelos jornaes e assim chegaram aos olhos de centenas de milhares de leitores.»

A direcção da Associação popular forneceu-nos amavelmente uns trinta numeros d'esta *Catholische sozialpolitische correspondenz*; ahi verificamos ainda o mesmo senso que notamos na redacção do *Volksverein*.

\*

Mas todas estas publicações, por muito numerosas que

sejam, podem ainda não bastar aos que, quer n'um circulo de estudos, quer n'uma conferencia popular, pretendem profundar esta ou aquella questão economica ou politica.

Por isso a secretaria do *Volksverein* organizou em Munchen—Gladbach uma bibliotheca central que envia gratuitamente a todos os membros da associação brochuras e obras sociaes de que elles possam ter necessidade. E' inutil insistir sobre os serviços que esta instituição presta todos os dias aos que querem conservar-se ao corrente do movimento das sciencias economicas e politicas.

O *Volksverein* conta no seu activo uma outra instituição d'um alto alcance intellectual: são as «*Lições de coisas praticas sociaes*». Cada anno os homens mais notaveis entre os democratras christãos reúnem-se n'esta ou n'aquella cidade da Allemanha para dar uma serie de lições, quer sobre questões theoreticas, quer sobre questões de applicação. Esta pratica está sendo cada vez mais seguida.

Na *Justiça social*, de 26 de abril d'este anno, o douto Franz Gossler, cujas *Curtas da Allemanha* são sempre cheias de interesse, assignala uma felicissima innovação do *Volksverein*. A commissão directora organizou agora em Munchen—Gladbach para um determinado numero de operarios um curso sobre as questões economicas e religiosas simultaneamente. Este curso, que foi inaugurado a 21 de maio, durou até meados de agosto ultimo e foi eminentemente proveitoso aos trabalhadores que o receberam e que ficaram em situação de exercer sobre os camaradas uma influencia mais activa.

\*

Vimos até aqui o *Volksverein* espalhando através do paiz germanico milhões de jornaes e brochuras, penetrando com as suas doutrinas toda a imprensa catholica, organizando o ensino social e dando reuniões publicas um pouco por toda a parte, até nas pequenas parochias raras.

Mas a fundação de Windthorst não se destinava a ser somente um foco de luz; devia ser tambem um centro de acção.

Conseguiu-o, graças á sua repartição de informações. Esta instituição tem um duplo fim:

1.º Dar aos membros da Associação Popular consultas escriptas sobre todas as questões relativas ao funcionamento dos diversos seguros operarios;

2.º Ir em auxilio das pessoas que dirigem ou querem fundar instituições economicas e christãs, fornecendo lhes todas as informações e documentos necessarios e até mesmo ajudando-as materialmente.

Afim de promover a fundação de numerosas instituições d'este genero, e sobretudo cooperativas e associações profissionais, a commissão directora do *Volksverein* editou muitos *Flugblätter* sobre estes assumptos; em todas estas publicações se insiste na necessidade de agrupamento de profissões para o successo da reforma social christã.

E' com effeito este triumpho o que por todos os meios o *Volksverein* procura; e n'estes esforços tão diversos a lucta contra o socialismo revolucionario não é mais, pode dizer se, que um incidente.

O perigo collectivista foi effectivamente na origem a razão de ser da Associação popular catholica, mas o fim supremo que o *Volksverein* propõe aos seus milhares de adeptos é o advento do christianismo integral.

E é permittido afirmar que o *Volksverein* representa na Allemanha o mais importante papel na diffusão das doutrinas do catholicismo social.

(1) São brochuras de 25 a 60 paginas em 8º, cujo preço é muito modico, 40 pfennings.

(2) O *Volksverein* sustenta jornaes operarios christãos apparecendo de oito em oito dias, como por exemplo o *West deutsche Arbeiter-Zeitung*.

## RETROSPECTO DE QUINZENA

## Interior

—O nosso amantissimo Prelado publicou agora uma importantissima Pastoral sobre o Dinheiro de S. Pedro e a Devoção do Rosario. Sobre o Dinheiro de S. Pedro vemos que elle produziu este anno na diocese reis 1.797\$180, que em 27 de junho foram remettidos ao Rev.<sup>mo</sup> Sr. Nuncio. A falta de espaço e a indole d'esta revista não nos permittem que transcrevamos a magnifica Pastoral.

—Num artigo intitulado *Os diarios catholicos portuguezes*, publicado pelo nosso presadissimo collega *Voz da Verdade*, de Braga, encontram se sensatas ponderações sobre a pobreza da imprensa catholica em Portugal. D'esse artigo destacamos o seguinte trecho:

«A Palavra», que aliás tem direito á nossa consideração e sympathia por estar sempre em brecha para defeza dos interesses religiosos, tem quasi sempre a primeira pagina de algum valor, mas as outras, principalmente no que respeita a correspondencias, são, á parte honrosas excepções, de desolante pobreza. Bem sabemos que a falta de recursos impede melhoramentos dispendiosos para collocar estes diarios na altura dos que lhes fazem uma extraordinaria concorrência, mas tambem pensamos que as respectivas empresas poderiam contrahir um emprestimo que as habilitassem para a montagem de machinas e pessoal em egualdade de circumstancias dos outros diarios. O favor publico viria certamente compensar tamanhas despesas e sacrificios, e os interesses catholicos teriam excellentes defensores.

Muitissimas pessoas de bons sentimentos compram os jornaes jacobinos sem intuitos de ajudarem a causa que elles defendem, mas para se informarem do que se passa no paiz, e é innegavel que os noseos diarios catholicos ficam muito áquem dos outros.»

—O nosso presado collega *A Nação* completou agora o seu 55.<sup>o</sup> anniversario natalicio. E' a mais longa existencia que tem havido no jornalismo portuguez. Por isso o felicitamos sinceramente, tanto mais que a *Nação* tem prestado relevantissimos serviços á causa da Igreja que defendemos.

—O sr. André de Lima Mayer, de Lisboa, que ha dias teve um duello com o sr. Conde de Obidos, pediu e obteve a absolvição da excommunhão em que havia incorrido por aquelle facto.

—Vimos já tarde para fallar da conferencia brilhantissima realisada no Centro Eleitoral pelo nosso presadissimo amigo e chefe politico o sr. conselheiro Jacintho Candido. D'ella já os jornaes se occuparam largamente. Brevemente, segundo nos consta, virá ao Porto o sr. Conde de Bertandos, outro chefe prestimoso e glorioso do nacionalismo, fazer uma conferencia sobre questões agricolas. E a seguir farão conferencias os srs. Manuel Pestana, Conde de Samodães, P. Pinto Abreu, Manuel Fonseca, etc.

—O *Diario do Governo*, no seu ultimo numero, publicou dois decretos abrindo creditos especiaes na importancia de dezenove contos.

Não se sabe quando parará este expediente de se recorrer a creditos especiaes, que, no fim do anno, somados, dão uma boa quantia.

Dissemos ha tempos, calculando todos estes expedientes do governo, que o deficit real d'este anno será superior a dez mil contos.

E o publico verá que não nos enganamos...

## Exterior

—A Sagrada Congregação dos Ritos em sessão ordinaria approvou a introdução da causa da beatificação e

canonisação da serva de Deus Maria Michaela do Santissimo Sacramento e da Caridade, fallecida em Valencia no dia 24 de agosto de 1865.

—Escrevem da ilha Formosa: o que não conseguiram as armas modernas, estão conseguindo com trabalho lento, mas constante, os missionarios franciscanos, que não estando contentes com as actuaes missões attrahiram novos indios á vida normal e christã e fundaram novas colonias em pontos mais affastados.

—Escreve o *Echo de Paris*:

Tinha uma amiga doente no hospital. Um dia, ao ir vel-a, vi passar na sala da operação uma joven religiosa que a minha amiga me indicou com um enternecido olhar.

E como eu quiz conhecer o segredo d'esta sympathia particular, ella contou-me isto:

Trouxeram para o hospital, alguns mezes antes, uma creança victima d'um grave accidente. Durante muitos dias o interno abanára a cabeça deante da creança, desesperando de a curar.

Todavia, uma manhã disse á Irmã Cecilia que tratava da creança:

—Será salva se podermos applicar sobre a chaga um pedaço de pelle humana...

Então, com simplicidade, com uma expressão celeste nos olhos, a Irmã arregaçou a manga do habito, e, estendendo o braço de jaspe, disse:

—Corte, doutor... e que ella viva!

Depois d'isto, o nome da Irmã Cecilia tornou-se para mim um synonymo de heroica dedicação.

—O rev. Padre Aljon, sacerdote hespanhol, terminava uma carta dirigida a um mancebo, com estas breves palavras que comprehendiam tudo que se podia dizer n'um grande sermão: «Sobretudo, meu amigo, não esqueça, que a vida é muito curta, o ceu muito formoso e o inferno muito quente.»

—Falleceu em Albacete, d'uma affecção cardiaca, o Bispo de Carthagena, o sr. D. Thomaz Bryan Livermore.

Nascera em Malaga a 6 de outubro de 1824 e tomou posse do bispado em 5 de fevereiro de 1885.

Era condecorado com as grã-cruzes de Isabel a catholica e de Beneficencia, tornando se credor d'esta pelos serviços humanitarios prestados durante o cholera em 1885.

A sua morte foi muito sentida em Hespanha, tanto mais que foi completamente inesperada.

Um comboio especial transportou o cadaver para Murcia, onde esteve exposto ao publico na capella do Palacio Episcopal.

—A associação para a defeza das escolas catholicas funciona já em Paris e ao inaugurarem os cursos ficarão installadas, em substituição dos collegios congreganistas, centenas de escolas catholicas dirigidas por mestres leigos.

—Eis o texto de moção votada unanimemente pelo Syndicato da Imprensa de Paris por causa das perseguições ordenadas pelo governo francez contra *L'Independance bretonne*, jornal catholico de Saint Brieuc:

«A direcção do syndicato da imprensa parisiense reuniu hoje a convite do sr. Jorge Berthoulat e resolveu adoptar o seguinte accordo:

O syndicato da imprensa parisiense entende que a lei de 1881 (artigo 23) deve ser applicada a toda a provocação a um crime ou a um delicto, com as unicas excepções taxativamente marcadas na lei.

Por consequencia o Syndicato julga que o tribunal de Saint Brieuc é incompetente para julgar o delicto imputado á *Independance bretonne*»

— *Imitação de Christo* — O editor d'este apreciavel livro, acaba de receber d'um virtuoso ecclesiastico, a seguinte apreciação, que mui gostosamente abaixo publicamos:

«Peço o favor de remetter duas duzias do livrinho— *Imitação de Christo*. E' apenas uma tentativa, a vêr se podemos vulgarisar e fazer amar a leitura de tão excelente livro. Depois, se o resultado corresponder ao nosso desejo, virão mais.»

Espero que as edições d'este livro hão-de seguir se umas ás outras; porque a traducção é boa, as notas são magnificas,—parece que o Espirito que inspirou o auctor, inspirou tambem o traductor e annotador, e a edição é bastante nitida. Demais, não é um livro d'oocasião. Emquanto no mundo houver almas sinceramente christãs, será lido, amado e meditado esse livrinho, todo impregnado do Espirito de Jesus Christo. Deus queira que todos o leiam; que, lendo-o, o meditem; que, meditando-o, o amem; que, amando-o, se deixem embalsamar por aquelle espirito de piedade e santidade que respiram todas as suas paginas.»

— *Donativo*—Recebemos da nossa prezadissima assignante a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Rosalia Tavares de Proença a quantia de cinco mil reis para ajuda das despesas do *Progresso Catholico*. Muito reconhecidos agradecemos tão importante donativo.

— *Collabora hoje, pela primeira vez, no Progresso Catholico, o nosso presado amigo e distincto escriptor o sr. D. Francisco de Noronha, nosso collega da imprensa da capital.*

D. Francisco de Noronha não é, por certo, um nome desconhecido aos nossos leitores, pois que bastantes artigos tem publicado na imprensa catholica, sobretudo no *Correio Nacional*. Não carece, por isso, de apresentação.

Escriptor primoroso, infatigavel investigador de estudos historicos, o nosso presado amigo accedeu ás nossas instantes sollicitações para nos brindar, e aos leitores, com a sua collaboração.

Os nossos presados assignantes hão-de estimar o serviço que lhe prestamos e D. Francisco de Noronha ha de, por certo, continuar a honrar-nos com a sua prosa tão apreciavel.

O *Progresso Catholico* vaæ cumprindo, d'esta forma, o que prometteu aos seus leitores, melhorando successivamente e esforçando-se por corresponder ao bom acolhimento que tem encontrado no publico.

— *Encyclopedia Portugueza illustrada*—Recebemos o fasciculo 195 d'este excellente dicionario universal, publicado sob a direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Encerra 494 artigos e 14 figuras e abrange os vocabulos *Esplanchnico* a *Estados-Unidos*. Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo importa notar: *Espongiarios*, do sr. Eduardo Sequeira, e *Esporangio*, *Esporidio*, *Espóro* e *Esporophyto*, do sr. dr. Julio Henriques.

Continua a assignar-se este magnifico dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.<sup>a</sup>, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.<sup>a</sup>, Rua do Marechal Saldanha, 26.

— *Biblia Sagrada*—Publicou se a caderneta n.º 48 d'esta magnifica publicação que tanto exito tem alcançado entre o publico catholico.

Illustram-na duas magnificas gravuras, impressas com grande nitidez.

Continua aberta a assignatura, custando 60 reis cada fasciculo de 16 paginas com 2 gravuras, e 300 reis cada tomo mensal.

Assigna-se e vende-se na Praça de D. Pedro, 116, 1.º andar, e nas principaes livrarias.

— *O Lagense*, nosso presado collega Açoriano, transcreveu o artigo *A triplice alliança*, publicado ha tempos no *Progresso Catholico*.

## ESTUDOS

### A Imprensa

O jornal é um dos mais maravilhosos instrumentos da civilisação moderna. Resume, em synthese, uma epoca. O estudioso que pretende penetrar a civilisação d'um povo, não verifica a sua historia, mas estuda os usos e os costumes d'esse povo, Analysa todos os seus factores, todas as suas manifestações artisticas, litterarias, politicas, scientificas, economicas e religiosas e se entre estas manifestações encontra a imprensa, classifica definitivamente esse povo na classe dos paizes civilizados. Farol do progresso, o jornal tem hoje uma existencia universal; publica-se nas cinco partes do mundo; leva a toda a parte os seus raios de luz, a sua instrucção, os seus conceitos. Só os povos que permanecem atrazados e que não entraram ainda no convívio brilhante da civilisação é que desconhecem a instituição da imprensa e que ignoram os seus serviços.

Bem sabemos que a imprensa enferma de abusos, de males quasi incuraveis; tem defeitos como tudo o que é humano; commette frequentemente erros; tanto serve as causas justas como as causas más; mas podem-se perdoar esses erros em attenção aos grandes beneficios que presta. E' a imprensa o mais poderoso vehiculo do progresso; diffunde as novas descobertas e conquistas da sciencia por todo o mundo; aproxima as sociedades; é um instrumento rapido de communicação, sempre infatigavel, sempre agil, desenvolvendo-se cada vez mais e tornando-se mais poderoso e mais forte.

Os seus beneficios são universaes. Léva a toda a parte, ao palacio do rico e á choupana do pobre, a noticia da ultima hora, o facto de maior sensação, o acontecimento mais notavel que se passou a milhares de legoas de distancia, e que o telegrapho transmite com rapidez a todos os jornaes. A sua acção social não é menos poderosa, se attendermos a que a imprensa tem sido reconhecida, por mais d'uma vez, como sendo a maior força das sociedades modernas, formando opiniões, creando correntes, doutrinando principios. Para todos os partidos e para todas as convicções ella é um auxiliar inestimavel, insubstituivel. Falla todos os dias perante um numerooso auditorio e logra convencer os espiritos, oriental-os para determinada direcção.

(Continua).

## EXPEDIENTE

**Prevenimos todos os nossos illustres assignantes em debito que vamos mandar para as competentes estações postaes os recibos, e pedimos que logo que recebam aviso para satisfazer que o façam, para não nos obrigar a novas despesas.**

**O jornal não tem outra fonte de recelta que não seja o pagamento em dia das assignaturas.**

GOMES DOS SANTOS

## Origens do socialismo

PREÇO 150 REIS

A' venda na redacção d'**A Palavra**, na Typographia de José Fructuoso da Fonseca, Picaria, 74, e nas principaes livrarias.

# LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

**Imitação de Christo.** Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por Monsenhor Manuel Marinho. Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Em percalina, 300 reis. Em carneira com folhas douradas, 500. Em chagrin douradas 1\$000

**Método de assistir ao Santo Sacrificio da Missa.** Obra extrahida da novissima edição da «Imitação de Christo», annotada e confrontada com o texto latino por Monsenhor Manuel Marinho. Obra approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Enc. 400 reis. Broch. . . . . 50

**Bernadette** — Soror Maria-Bernarda, por Henrique Lasserre. Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto do Amaral. 1 vol. broch. . . . . 400

**Flores a S. José.** Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenadas por A. L. F. Obra approvada e indulgenciada. 2.<sup>a</sup> edição. Preço: encadernado . . . . . 200

**Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII** — 5 vol. Broch. 2\$300. Enc. . . . . 3\$000

**Vieira-Prégador** pelo rev.<sup>mo</sup> Padre Gonzaga Cabral. 2 vol. broch. . . . . 2\$000

**Vida, virtudes e milagres** do B. João Grande. 1 vol. broch. . . . . 500

**Historia de Santa Chantal.** 2 vol. enc. . . . . 2\$000

**Vida Popular de S. João de Deus.** Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol. broch. . . . . 500

**Historia de S. Francisco de Assis** por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. . . . . 600

**Cathecismo** para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. . . . . 50

**As Tres Rosas dos Escolhidos** Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. . . . . 200

**A Mãe** segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. . . . . 600

**A Santa Montanha de La Salette** por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. . . . . 400

**Resumo da Doutrina Christã.** Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1\$000 reis. Um exemplar. . . . . 20

**A Questão dos Jesuitas** por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. . . . . 600

**O Livro de Todos** pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. . . . . 600

**Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus.** Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 . . . . . 40

**Formula** de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. . . . . 50

**Preces** que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez . . . . . 50

**Oração** para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitalar. . . . . 40

**Sorrisos d'um velho**—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. . . . . 400

**Formula** de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitalar. Cada exemplar . . . . . 40

**Vida popular de S. Vicente de Paulo** — pelo Padre Berbigner, conego honorario de Bordeus e Arcypreste de Ligorino—traduzida do francez, por M. Fonseca — Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. . . . . 400

**A Confissão Sacramental** — Pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Padre Manuel Marinho — Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. . . . . 250

**O Apostolado** da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. . . . . 750

**Os milagres** de Ludres e o seculo XIX—Considerações sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida pelo padre J. J. G. . . . . 400

**Jesus Vivo** no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.<sup>a</sup> edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. . . . . 900

**O mez dos Finados** — Meditações para todos os dias do mez de Novembro—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 300—enc. . . . . 400

**Oração funebre** do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lainego, recitada nas solemnes exequias celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890. Preço. . . . . 250

**Os Episodios** Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lasserre Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes — Obra prefaciada e vertida em portugez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—1 vol., broch. . . . . 600

**Defesa** da crença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. . . . . 500

**Meditações** para o mez de Maio pelo Padre Affonso Muzzarelli da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias, e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores. Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch., 100 reis, enc. . . . . 160

**Modo** de ouvir missa pelos defunctos e orações do bom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Vigario Capitalar. 1 vol., broch., 100—enc. . . . . 160

**As Chammas** do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redenpção, pelo Abbade J. Pinnard (5.<sup>a</sup> edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cuenjães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.<sup>mos</sup> Srns Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.<sup>o</sup>—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio . . . . . 740

## A sahir do prélo:

**Flores ao SS. Coração de Jesus.**

**Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.**

**José Joaquim d'Oliveira**  
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO  
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,  
Industrial de Lisboa de 1888  
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu-  
guezas.